

OS AZULEJOS DE FACHADA DE LISBOA: FORMAS DE DEGRADAÇÃO FÍSICA E SEUS FACILITADORES

João Manuel Mimoso e Sílvia Raquel Morais Pereira ¹

¹ Laboratório Nacional de Engenharia Civil, Lisboa
jmimoso@lnec.pt, spereira@lnec.pt

1. INTRODUÇÃO

Lisboa possui um importante património cultural constituído pelas numerosas fachadas de edifícios urbanos revestidas a azulejos. Antes de 1830 a utilização exterior era limitada a coruchéus, jardins, fontanários e pequenos painéis com registos religiosos. Exemplos notáveis na cidade de Lisboa são o jardim do Palácio Fronteira, de que a maior parte do revestimento azulejar data da segunda metade do século XVII, ou o fontanário do século XVIII agora montado sob as escadilhas de Santo Estêvão, em Alfama. Em ambos os casos a degradação é reconhecível mas não afecta igualmente todos os painéis, nem sequer todos os azulejos de um mesmo painel. Por outro lado, muitos dos registos parietais invocando a protecção de Santo António, ou de São Marçal contra o fogo, ou as tocantes “alminhas” pedindo aos passantes uma oração pelas almas no purgatório, geralmente datáveis à segunda metade do século XVIII e frequentemente num estado de conservação admirável atestam a durabilidade potencial do azulejo português em utilização exterior. Reconhece-se, assim, que a degradação secular dos antigos revestimentos azulejares está relacionada, não só com o tipo de aplicação e exposição, mas também com características do próprio azulejo. A degradação depende da confluência de uma agressão ambiental com uma fragilidade dos próprios azulejos.

Numa data desconhecida mas seguramente anterior a 1845, data em que o Conde Atanazy Raczyński já refere a existência de fachadas totalmente azulejadas, as fachadas de alguns edifícios, particularmente prédios de rendimento, começaram a ser paramentadas com azulejos. A partir de cerca de 1850 difundem-se em Lisboa, tal como no Porto e noutras cidades e vilas do País, os revestimentos com azulejo cerâmico semi-industrial.

O azulejamento integral dos paramentos de fachada terminou em Lisboa por volta de 1930 mas o século que então se completou legou à cidade um património diverso e surpreendente, particularmente notável pela utilização de frisos complementares que orlavam os vãos e dão hoje testemunho do talento decorativo dos azulejadores que os aplicaram com um admirável sentido estético. Apesar da sua riqueza e interesse enquanto património cultural da Cidade do presente este valor está ainda insuficientemente estudado e ainda menos divulgado. Um dos campos em que mais falta o estudo é o das causas e formas da sua degradação.

2. A PRINCIPAL AGRESSÃO...

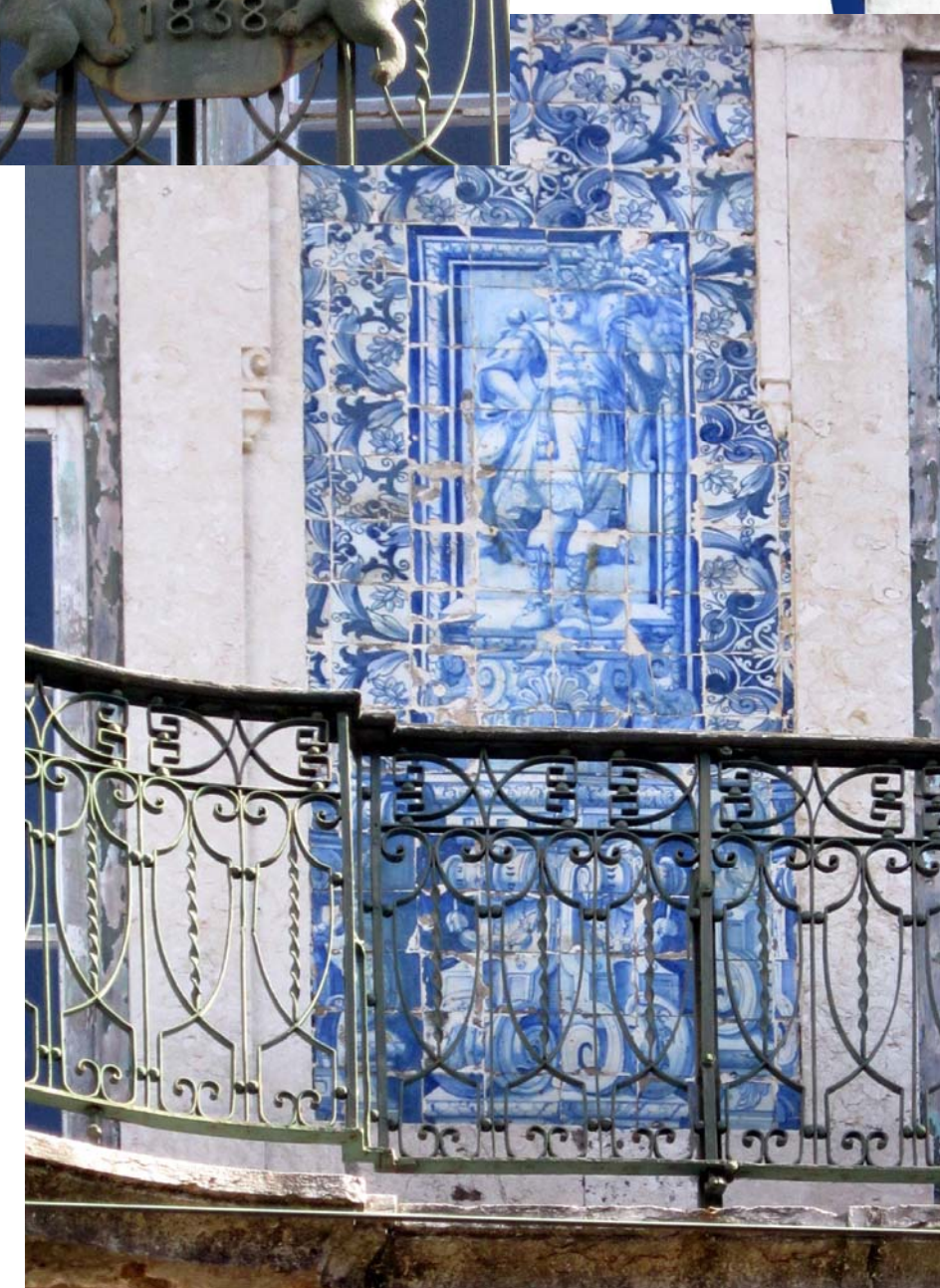
Os paramentos azulejares protegem e mantêm secas as fachadas que revestem. No entanto os azulejos, cujas faces vidradas impermeabilizam em larga medida as paredes, não se destinam a utilização sobre suportes húmidos precisamente porque impedem a secagem das paredes sobre as quais estão colados. A água que se apresenta pelo lado do tardo passa das paredes às chacotas dos azulejos que podem depois manter-se húmidas durante longos períodos ou sofrer ciclos consecutivos de molhagem seguida de secagem. As molhagens provocam a expansão dos corpos cerâmicos dos azulejos, conduzindo frequentemente ao seu destacamento em particular quando a deformação é limitada pelo contacto com os azulejos adjacentes. O vidro não absorve água de maneira notável e, portanto, não sofre expansões hídricas, não acompanhando as correspondentes dilatações dos corpos cerâmicos. Estas provocam, então, uma tracção no vidro que vai fissurar quando se atinge a tensão de ruptura, cuja consequência é o chamado “craquelé”.

3- A PRINCIPAL FRAGILIDADE

Um estudo microscópico revela que o craquelé se resolve em dois tipos principais, dos quais apenas um representa perigo imediato para a conservação do azulejo enquanto suporte decorativo. No craquelé mais preocupante a fissuração que se propaga da superfície do vidro para o interior muda de direcção ao atingir a chacota, propagando-se na interface até separar o vidro. Este tipo ocorre quando a aderência do vidro à chacota é relativamente baixa e então o “mosaico” resultante do craquelé vai cair, “tessela” por “tessela”. Perdendo-se o vidro, perde-se o valor decorativo dos azulejos. Da molhagem, cíclica ou não, de azulejos com fraca aderência do vidro resulta a generalidade das outras formas patológicas.

4- OBJECTIVO

O estudo do LNEC pretende explicar a degradação identificando as causas e os factores de risco para que possam ser controlados, e estudando e desenvolvendo materiais e técnicas de restauro que permitam a conservação do património azulejar, não só do urbano da Cidade de Lisboa, mas de um inestimável património nacional na sua globalidade.



Os primeiros azulejamentos em Lisboa datam provavelmente de finais da década de 1830, tendo aumentado a partir de 1850.

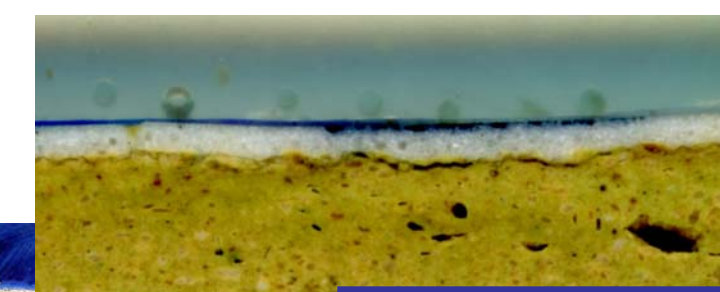
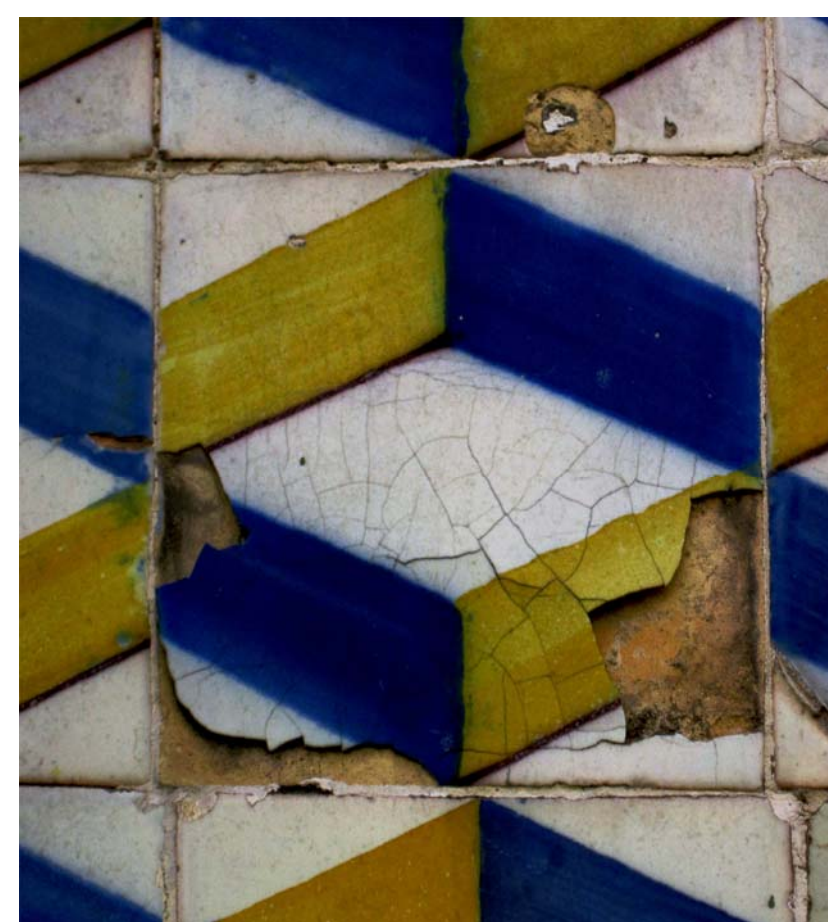


Os ciclos de humedificação e secagem provocam o destacamento dos azulejos nas zonas húmidas...



A humedificação prolongada (cíclica ou não) provoca a queda do vidro a partir das arestas,...

... provoca a formação e destacamento do “craquelé” (queda do vidro em mosaico),...



Secção microscópica mostrando a separação do vidro por propagação de uma fissura na interface com a chacota

2

...e provoca também o empolamento e queda dos vidrados, além de outras degradações de natureza química e biológica.

